

EDUARDO GIANNETTI

A ilusão da alma

Biografia de uma ideia fixa



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Eduardo Giannetti

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio
Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana
Carmen S. da Costa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giannetti, Eduardo

A ilusão da alma : biografia de uma ideia fixa / Eduardo Giannetti.

— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1705-5

1. Romance brasileiro I. Título.

10-05877

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

PRIMEIRA PARTE: O tumor físico, 7

SEGUNDA PARTE: *Libido sciendi*, 61

TERCEIRA PARTE: O tumor metafísico, 155

Notas, 239

PRIMEIRA PARTE

O tumor físico

A palavra é a sombra da ação.
Demócrito de Abdera

I

Os apetites têm faro. No mesmo palmo de terra cada criatura encontra o que lhe apetece: a cabra, o capim; o sabiá, a minhoca; o besouro, o estrume. Assim também o cérebro dos homens. Visto de fora, a olho nu, o que é? Uma pelota enrugada e viscosa; um quilo e meio de miolos cinzentos; feixes de pixels numa tela de alta definição. Vivido por dentro, contudo, olhos metidos no avesso subjetivo de si, que transformação! Que profusão de delícias e tormentos, lembranças e desejos, ideias e sensações. Onde um vê matéria, outro vê espírito. O cérebro engendra a mente que interroga o cérebro que assombra a mente. Como é possível que da massa borrachuda e gosmenta alojada em nossos crânios desponte o mistério de uma vida interior?

Há quem prefira não cismar com essas coisas — viver como se o enigma da autoconsciência não lhe dissesse respeito. O tempo é curto. Por que dissipá-lo com caraminholas fúteis e empresas vãs? Bater-se por isso ou por aquilo, acreditar ou desacreditar — e daí? Que diferença faz? A Terra seguirá sendo, como sempre foi, o centro inabalável do universo, diga a ciência o que for, e os homens seguirão aferidos a suas órbitas de fome e vaidade, proveitos e taras, como se as galáxias e os olhos da criação é que girassem ao seu redor. Queixem-se os ensimesmados de que “ocupamos quase toda a nossa vida com entretenimentos mesquinhos”; deplorem os sisudos e taciturnos porque “vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes”. Importantes *para quem?*

Permita-me, caro leitor, apresentar-me. Como você, não escolhi ser quem sou. As circunstâncias da minha concepção, fortuitas como as da sua, dependeram de causas inteiramente alheias à minha vontade: uma noitada alegre, o tédio de uma insônia, um arroubo de embriaguez e febril desatino após o Brasil × Espanha da Copa de 1962 (obrigado Amarildo!). Do que fizeram de mim, fiz o que pude. Amo a vida. Espero que ela não me descarte tão cedo, embora também isso não dependa de mim. Tento me cuidar. Se a vida é “um negócio que não cobre os custos” — opinião amarga que não partilho —, a execução da massa falida promete ser bem pior. Não faz muito tempo, como se verá, estive à beira da bancarrota.

Escapei: cá estou. Enquanto me for dada a chance, prefiro viver mais um dia.

Sofro de um mal, isso é certo. Se existe um termo adequado à minha moléstia, não sei dizer. Mais que por uma crença, fui tomado por uma obsessão ou mania metafísica — uma inquietação que se apoderou do meu pensamento e me persegue dia e noite, nos interstícios das horas anônimas, no repouso e na vigília, como se fosse carne da minha carne e osso do meu osso. No começo não parecia grave: uma irritação passageira, coisa de pele, logo passa. Depois pegou. Quando me dei conta, o “tumor metafísico”, foi como resolvi chamá-lo, estava fincado como pau forte e disperso como metástase no solo da minha consciência.

Fosse eu afoito, dado a rompantes grandiloquentes, poderia carregar nas tintas; dizer que vislumbrei um abismo e fui tragado por ele; dizer que enlouqueci. Não é o caso. Um verdadeiro insano, merecedor da sua insígnia, não se dá conta do seu estado. Afirmar-se um doido varrido é como *declarar-se inconsciente* em prosa concatenada: não para em pé. O fato é que virei alguém estranho aos meus próprios olhos, o joguete de um particular absurdo, o portador de uma bizarra anomalia. Sou um monomaniaco com uma causa — um *louco manso*, como se diz. Excêntrico e perturbado da ideia, sim; monstro desalmado, não. Estarei só?